

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS

Cristiane Fontes dos Santos
Herica Carmen dos Santos
Maria Jussara de Santana

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar o processo de aprendizagem das crianças autistas, ressaltando características, comportamentos e dificuldades, bem como seu convívio nas relações sociais. O autismo é descrito como uma síndrome do desenvolvimento que se manifesta normalmente em crianças antes dos dois anos. Atualmente vem sendo bem mais divulgado pela mídia, porém continua desconhecido de grande parte da população brasileira. Neste trabalho são analisados os procedimentos mais utilizados no processo educativo da criança autista, os níveis de autismo, a comunicação, o relacionamento com família, professores e sociedade. Nossa investigação baseou-se na pesquisa bibliográfica como principal fonte para o conhecimento do tema proposto. Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa, sendo assim a participação dos pais e professores é muito importante para que a aprendizagem aconteça de maneira eficaz. Para tanto, existem técnicas que facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças autistas.

Palavras chave: Autismo. Criança. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Há mais de seis décadas o autismo infantil vem sendo estudado cientificamente. Já existiram muitos questionamentos e hipóteses sobre a origem do autismo, uma delas era a de que os pais poderiam ser culpados pelo extremo isolamento da criança, mas um artigo publicado em 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner absorve publicamente os pais de serem a causa do desenvolvimento da Síndrome Autística em seus filhos. Ele continuou a ocupar-se de crianças com autismo por muito tempo, por isso voltou a sua primeira hipótese de que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento.

Grande parte da população brasileira ainda o desconhece, apesar de estar sendo bem mais divulgado pela mídia. No Brasil, não há nenhum estudo sobre o número de autistas e o diagnóstico quase sempre é demorado, pois percorre um longo caminho: da família ao pediatra, do pediatra ao fonoaudiólogo ou fisioterapeuta, depois passa para o neurologista ou psiquiatra, psicoterapeuta etc., quando há diagnóstico, pois é muito complexo, devido às várias características que o autismo possui.

As condutas auto-estimulatórias e auto-agressivas externadas por crianças autistas atraem a atenção das pessoas, despertando temor e desconfiança. É um grande desafio para pais, professores e sociedade conviver com as diferenças e buscar encontrar maneiras de intervir eficazmente na aprendizagem de tais crianças. A participação da família é de fundamental importância e grande parte do sucesso no processo de aprendizagem depende disso.

Os procedimentos utilizados para a aprendizagem das crianças autistas devem ser conhecidos e compartilhados pelos pais, para que estes possam orientar e ajudar seus filhos no processo educativo.

A motivação para este trabalho vem do paradoxo entre o aumento do número de casos e o pouco conhecimento sobre o assunto. Acredita-se que é possível identificar critérios e procedimentos que possam possibilitar a aprendizagem e a qualidade de vida das crianças autistas e de seus familiares.

Para tanto, a investigação baseou-se na pesquisa bibliográfica, fundamental para conhecimento do tema proposto. Foram feitas buscas de informações em livros

e artigos da internet que deram fundamentação e base a esta pesquisa. O artigo tenta responder de maneira clara algumas questões referentes às características da criança autista, ao convívio na escola, família e comunidade, além de apresentar alguns procedimentos que auxiliam no processo de aprendizagem destas crianças.

Os estudos desta pesquisa podem ser uma contribuição para professores, acadêmicos e pessoas interessadas no assunto, no sentido de proporcionar respostas a questionamentos sobre o tema e ampliar formulações teóricas a esse respeito.

CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

Autismo é um conceito novo. Por ainda não ter uma causa específica definida, é chamado de Síndrome (conjunto de sintomas) e como em qualquer síndrome o grau de comprometimento pode variar do mais severo ao mais brando e atinge todas as classes sociais, em todo o mundo. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner, publicou um artigo no qual descrevia uma síndrome “rara” caracterizada por uma série de sintomas, a qual chamou autismo. Nessa época o diagnóstico se baseava no que até hoje consideramos os três pilares do autismo: deficiência no desenvolvimento da linguagem, interação social pobre e interesses e movimentos repetitivos. (NOGUEIRA, 2007).

Em 1944, Hans Asperger, um médico também austríaco escreve outro artigo com o título Psicopatologia Autística da Infância, descrevendo crianças bastante semelhantes descritas por Kanner. Atribui-se tanto a Kanner como a Asperger a identificação do autismo, sendo que por vezes encontramos seus estudos associados a distúrbios ligeiramente diferentes.

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. (MELLO, 2007, p. 16).

Para Suplino (2005), o autismo é um problema neurobiológico que se manifesta normalmente em crianças antes dos dois anos e meio de idade e quanto à

prevalência é mais comum em meninos que em meninas. As crianças se mostram aparentemente indiferentes ou, até mesmo, avessas a demonstrações de afeto e ao contato físico, embora às vezes surja mais tarde uma ligação mais estreita com pais ou certos adultos. O desenvolvimento da fala nessas crianças é lento e anormal, senão ausente, caracterizando-se pela repetição daquilo que é dito por terceiros ou pela substituição das palavras por sons.

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), diagnóstico totalmente diferenciado de um quadro psicótico, passou a classificar esta condição com uma síndrome e referir-se à mesma como Autismo Infantil Precoce, ela apresenta as principais dificuldades de contato com pessoa, desejo obsessivo de manter as situações sem alterações, ligação especial com objetos. (SUPLINO, 2005, p.16).

De acordo com Nogueira (2007), a maioria dos autistas tem a aparência física de uma criança normal, porém o comportamento é diferente. Reconhecer o autismo é difícil até para médicos, pois ele não é uma doença. A psiquiatria moderna o define como um distúrbio do desenvolvimento.

Em seu livro, Melo apresenta alguns sintomas que são fundamentais para identificar uma criança com autismo:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo. (MELO, 2007, p.72).

Atualmente o autismo vem sendo bem mais divulgado, o número de casos diagnosticados vem crescendo e acontecendo em idades cada vez mais precoces, porém ele ainda surpreende, devido à diversidade de sintomas que pode apresentar. A criança apresenta falta de reação a sons e dor, incapacidade de reconhecer situação de perigo, dificuldade de se relacionar, problemas de linguagem e alterações de comportamento. Geralmente a criança autista apresenta aparência normal e ao mesmo tempo um perfil de desenvolvimento irregular.

O autismo, intriga e angustia as famílias nas quais se impõe, pois a pessoa portadora de autismo, geralmente, tem uma aparência harmoniosa e ao mesmo tempo um perfil irregular de desenvolvimento, com bom funcionamento em algumas áreas enquanto outras se encontram bastante comprometidas. (MELLO, 2007, p. 12).

Os autistas têm dificuldades de comunicação e interação social, normalmente são agitados, não gostam de sair da rotina. Não conseguem olhar nos olhos de outras pessoas e demoram a começar a falar, isso quando falam. Segundo o neurologista José Salomão Shchwartzman, mais de 70% dos casos não são diagnosticados, pois os pediatras não sabem diagnosticar.

Quando o diagnóstico chega, algumas famílias não querem aceitar que o filho tem um sério comprometimento individual, e procuram ajuda em diversos lugares, outras preferem não querer enxergar que o filho é autista. Existem alguns passos indicados pela AMA – Associação de Amigos do Autista, que os pais ao receberem o diagnóstico de autismo devem seguir para lidar da melhor maneira possível com esse transtorno.

A experiência da AMA que é uma experiência de pais e de educadores de pessoas com autismo, constatou a importância de três caminhos a serem conscientemente buscados pelas famílias que se deparam com a questão do autismo em suas vidas: Conhecer a questão do autismo. Admitir a questão do autismo. Buscar apoio de um grupo de pessoas que estejam envolvidas com a mesma questão e que procuram conviver com ela da melhor maneira possível. (MELLO, 2007, p. 14).

As famílias ao receberem o diagnóstico de autismo, devem primeiramente fazer pesquisas, com o intuito de conhecer e entender esse transtorno. Na maioria dos casos as pessoas ao descobrirem que seu familiar é autista não aceitam essa condição, porém é importante que a família admita a questão do autismo e procure ajuda através pessoas que passam pela mesma situação. Dessa forma elas poderão se sentir mais capazes e preparadas para enfrentar e conviver com o autismo.

É importante ressaltar que estes distúrbios estão freqüentemente associados a várias outras condições. Os atrasos do desenvolvimento são comuns nas áreas de habilidades intelectuais e na maioria dos casos há uma associação à deficiência mental. (SUPLINO, 2005, p.17)

As crianças autistas na maioria dos casos têm uma síndrome associada. Elas podem apresentar epilepsia, síndrome de down, cegueira, surdez, esquizofrenia e

até mesmo retardo mental, porém praticamente todas conseguem aprender atividades básicas do cotidiano.

COMO ACONTECE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS?

Com base em Carothers e Taylor (2004), o objetivo da educação de uma criança autista é o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares.

Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa. É melhor ensinar as habilidades para o dia a dia no ambiente natural, porém isso nem sempre é possível. Fazer tarefas simples do dia a dia, como comer sozinho, usar o banheiro, escovar os dentes, para eles fazem muita diferença na qualidade de vida.

É importante que os pais trabalhem pela independência de seu filho. É preciso que incentive a criança a se vestir sozinha, se servir, comer, beber e assim por diante. Com esses estímulos a criança sente a necessidade de falar desenvolvendo sua oralidade. Isto deve ser feito com calma, levando em consideração que o desenvolvimento da criança com autismo é lento, lembrando sempre de elogiar cada avanço alcançado.

A participação dos pais é muito importante no processo de aprendizagem da criança e são eles responsáveis por grande parte da aprendizagem do filho, bem como do incentivo ao convívio social. Os pais devem fazer passeios com seus filhos, preferencialmente em lugares públicos, onde as crianças possam brincar livremente, caminhar e ter contato com outras crianças. É importante que toda atividade seja planejada anteriormente, e que os pais estejam certos de que terão a situação sob controle para não serem surpreendidos por imprevistos.

A criança autista tende a fixar rotinas, isso pode ser utilizado em favor dela mesma. Podem-se organizar rotinas com horários pré-fixados para várias tarefas do

dia, porém isso deve acontecer de forma natural. Ao mesmo tempo em que a rotina é importante, é necessário também levar em consideração que o autista deve aprender a aceitar mudanças. Por isso é preciso que os pais e os professores façam pequenas mudanças na vida diária da criança, inicialmente uma de cada vez, como por exemplo, mudar o caminho de ir à escola ou tentar mudar a carteira onde a criança senta na escola. As rotinas não são imutáveis, e isso deve ser mostrado desde cedo para a criança.

De acordo com Carothers e Taylor (2004), existem algumas técnicas que têm certa eficácia para a aprendizagem de crianças autistas. São as técnicas de aprendizagem que se utilizadas de maneira adequada podem fazer muita diferença na vida dessas crianças.

Modelagem através de gravação de vídeo - Um aluno que já adquiriu uma habilidade é gravado executando-a e assim o vídeo pode ser repetido várias vezes para o aluno que ainda não adquiriu a habilidade em questão. Essa técnica pode ser usada para ensinar crianças com autismo a fazerem compras no mercado, por exemplo.

Rotina de atividades pictográficas - Ilustrações como fotos, desenhos, etc., compõe estágios de uma tarefa, para que o aluno siga as instruções e complete a tarefa independentemente. Com essa técnica é possível ensinar como fazer tarefas domésticas, de escritório e lavanderia.

Participação e Orientação de Colegas - Outras crianças normotípicas são usadas como modelos para o ensino de habilidades funcionais na comunidade para alunos com autismo. Foi possível através do uso dessa técnica que crianças com autismo aprendessem a pegar livros da biblioteca, comprar itens em um bazar e atravessar a rua.

Técnicas como estas são aplicadas na escola e além de continuar a aplicação de tais técnicas em casa, é interessante a colaboração de parentes ou vizinhos para modelar um comportamento, uma habilidade, uma tarefa, como por exemplo, gravar o irmão de uma criança com autismo mostrando como decidir o que vestir para ir à escola, ou também uma atividade como arrumar a cama, em que todos os passos sejam fotografados e com legenda. Outra estratégia interessante é que parentes ou vizinhos (da idade da criança com autismo) criem uma situação do dia a dia de como

fazer compras no mercado, em casa, e depois a acompanhem para uma situação real em estabelecimentos públicos.

Segundo Mello (2007), existem técnicas desenvolvidas para o tratamento de crianças autistas em casa e/ ou em clínicas de tratamento, que se aplicadas de maneira correta e consciente podem ser eficientes na reabilitação destas crianças, principalmente as que começam o tratamento cedo. Abaixo serão descritas algumas delas.

Comunicação facilitada – Foi desenvolvida na Austrália como meio facilitador da comunicação. Ela é feita através do uso de um teclado que pode ser de máquina de escrever ou computador, onde o autista transmite seus pensamentos com ajuda do facilitador que lhe oferece o necessário suporte físico. No início essa técnica teve bastante aceitação pelos pais e profissionais, pois com esse novo recurso os autistas passariam a manifestar a transmitir seus reais pensamentos. Com o tempo a seriedade desta técnica passou a ser questionada, devido a denúncias feitas por autistas.

Integração Auditiva – Desenvolvida nos anos 60 pelo otorrinolaringologista francês Guy Berard. Nessa técnica a criança ou adulto ouve música, através de fones com algumas frequências de som eliminadas através de filtros. De acordo com Berard esse tratamento ajudaria a criança a adaptar-se a sons intensos. Depoimentos de alguns pais afirmam ter obtido sucesso com este tratamento, porém a maioria diz não ter obtido nada através deste tratamento. Existem muitas divergências de opiniões referentes a esta técnica.

Integração Social – Semelhante à integração auditiva. Ela é feita através de toques, massagens e outros equipamentos como balanços, bolas terapêuticas etc. Ela visa integrar informações que chegam ao corpo da criança como brincadeiras que envolvem movimentos, equilíbrio e sensações.

Movimentos Sherborne – “Relation Play” – Método idealizado pela professora de educação física Veronica Sherborne, que visa desenvolver o autoconhecimento através da consciência de seu corpo e do espaço que a cerca, pelo ensino do movimento consciente. Essa técnica nem sempre é eficaz, mas a utilização dela possibilita interação entre os pais e familiares com as crianças autistas, algo que não é fácil.

As técnicas desenvolvidas no tratamento de crianças autistas são de grande relevância, porém existem alguns aspectos que se levados em consideração podem aumentar a eficácia do tratamento e elevar a possibilidade do autista alcançar a tão buscada independência no que diz respeito às atividades diárias.

Mesmo considerando que o tratamento é realizado com auxílio de programas individuais em função da evolução de cada criança, os seguintes aspectos podem ser fundamentais como alvos preferenciais de tratamento em um programa de intervenção precoce com indivíduos com Síndrome de Asperger. Devemos procurar o antes possível desenvolver: a autonomia e a independência; a comunicação não-verbal; os aspectos sociais como imitação, aprender a esperar a vez e jogos em equipe; a flexibilização das tendências repetitivas; as habilidades cognitivas e acadêmicas; ao mesmo tempo é importante: trabalhar na redução dos problemas de comportamento; utilizar tratamento farmacológico se necessário; que a família receba orientação e informação; que os professores recebam assessoria e apoio necessários. (MELLO, 2007, p.28).

As escolas devem estar preparadas para que os alunos com autismo ou com alguma necessidade educativa especial se desenvolvam como cidadãos capazes de pensar, aprender, construir e tomar decisões. As crianças autistas podem freqüentar escola regular, porém nelas ainda existem carências, surgindo assim à necessidade de se procurar outra instituição que ofereça ensino especial.

Os professores reconhecem o aluno que é diferente, que possui alguma necessidade, mas não conseguem identificar o problema, as crianças autistas conseguem ler sem saber do que se trata, conseguem resolver problemas matemáticos sem entender o enunciado. É necessária a preparação dos profissionais, da comunidade educativa que fazem parte da vida da criança autista para que dessa forma os alunos aprendam e sejam inseridos na sociedade.

De acordo com Mello (2007), é possível que nas escolas existam casos não diagnosticados de crianças com autismo, que devido as suas dificuldades e diferenças são rotuladas de indisciplinadas, desorganizadas, sem limites, lentas etc.

O professor deve estar atento ao comportamento dos alunos, caso note algo diferente deve levar a situação até a coordenação da escola para que com os pais encaminhe a criança para um especialista. A escola tem um importante papel na investigação diagnóstica, pois é o primeiro lugar fora de seu ambiente familiar que a criança freqüenta.

O currículo educacional deve ser elaborado levando em consideração o contexto no qual a criança está inserida, bem como a forma como outras crianças realizam algumas tarefas e o ambiente onde essas tarefas são feitas. A escola deve ser um lugar de interação e socialização da criança, é onde ela descobre as regras a serem seguidas. A criança autista sente certa dificuldade em se expressar corretamente, mas a partir do momento que começa a treinar a linguagem oral aos poucos aparecem mudanças na linguagem, na socialização e na sua expressão oral, corporal e no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Segundo Nunes (2008, p.4):

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais.

Para a autora, a escola e o professor têm um importante papel na educação da criança autista. Deve-se criar dentro da escola estratégias para que essas crianças consigam desenvolver suas capacidades e interagir com as outras crianças. O trabalho da escola deve estar associado ao da família que por sua vez deve dispensar o máximo de atenção, acompanhando as atividades, encorajando e criando situações para que a criança se comunique.

O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagens para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse, o ensino é o principal objetivo a ser alcançado e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes, quando a criança autista não mostrar interesse nas atividades propostas pelo professor deve-se envolvê-los nas atividades, mesmo que ela não esteja entendendo o que lhe é ensinado o professor deve ter paciência, sentar ao lado dela e tentar ajudá-la da melhor maneira possível a fazer o que lhe foi pedido, mesmo que isso leve tempo. Quando a criança conseguir realizar alguma tarefa com êxito ou se expressar através de palavras deve-se parabenizá-la através de elogios, assim ela se sentirá estimulada cada vez mais a aprender novas coisas.

Nunes (2008, p.4), afirma ainda que “na realidade, os problemas encontrados na definição de autismo, refletem-se na dificuldade para a construção de instrumentos precisos e adequados para um processo de avaliação e condutas”.

Entende-se que para avaliação pedagógica da criança autista é preciso levar em consideração e respeitar sua condição limitada, sua forma de se expressar de forma que não agrida sua vida escolar, não se deve somente buscar conhecimento sobre a patologia, mas também ser sensível para preservar a integridade e o autoconhecimento da criança observando suas necessidades.

De acordo com Camargos Jr. (2002), dentro da escola a intervenção pedagógica parte do estudo de análise e relatórios psiquiátricos, psicológico, neurológico, pedagógico e social. É necessário disponibilidade de tempo e compreensão para lidar com situações inesperadas que possam acontecer, devendo transigir metodologias e habilidades. O tratamento baseia-se no diagnóstico das anomalias explorando na educação suas potencialidades, desenvolvendo atividades significativas, determinando o equilíbrio físico e emocional.

As dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas podem ser superadas, desde que haja acompanhamento especializado, bem como a utilização de técnicas que devem ser aplicadas de acordo com a necessidade individual de cada criança. Essas técnicas ajudam a desenvolver habilidades cognitivas e capacidades de interagir socialmente em seu dia a dia. A aprendizagem deve ser estimulada pelos professores, e principalmente pelos pais que têm um papel fundamental, pois são eles que convivem diariamente com essas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança autista necessita de acompanhamento familiar e especializado, pois seu desenvolvimento acontece de maneira lenta e exige paciência por parte dos pais e dos educadores. É preciso que os familiares dispensem atenção e estejam presentes em todos os momentos da vida da criança para que ela se sinta amada e valorizada. O processo de aprendizagem de uma criança com autismo leva tempo, por isso requer calma e empenho. Sendo assim, deve-se entender que o tempo da criança autista é diferente e deve ser respeitado. Tanto pais como educadores

devem incentivar e mostrar as crianças que elas aprendem para que se sintam motivadas.

A educação é umas das maiores ferramentas para o desenvolvimento de uma criança autista. Através da educação essas crianças podem aprender tanto matérias acadêmicas quanto atividades do cotidiano. A aprendizagem da criança autista não é fácil, contudo fica evidente que com dedicação e amor estas crianças podem alcançar uma vida mais independente e com qualidade.

REFERÊNCIAS

CAMARGOS Jr, Walter. et al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: Corde, 2002.

CAROTHERS, Douglas E. ; TAYLOR, Ronald L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004. Disponível em: http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64. Acesso em 27 de junho de 2010 às 18h26min.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo. **Revista Época**. São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Junho, 2007.

NUNES, Daniella Carla Santos. **O pedagogo na educação da criança autista**. Publicado em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca-Autista/pagina1.html>. Acesso em: 25 de maio de 2010 às 16h25min.

SUPLINO, Marise. **Currículo funcional natural: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.